

Magda Soares em Lagoa Santa/MG e o projeto Alfalettrar

Magda Soares à Lagoa Santa/MG et le projet Alfalettrar

Magda Soares en Lagoa Santa/MG y el proyecto Alfalettrar

Janair Cândida Cassiano¹

Juliano Guerra Rocha²

Ilsa do Carmo Vieira Goulart³

Nossas palavras iniciais

Prezado leitor e prezada leitora, no âmbito acadêmico, este texto seria reconhecido como uma entrevista. Geralmente, esse gênero em revistas científicas é assinado com o nome dos entrevistadores, que levam os créditos pela publicação, e o entrevistado comparece no título, demarcando que se trata de uma conversa com ele. Optamos por assinar este texto, nós três (Janair Cassiano, Juliano Rocha e Ilsa Goulart), por dois motivos. Primeiro, por considerarmos que quem deve encabeçar a autoria de uma entrevista é o entrevistado. E, segundo, por fazermos, aqui, um diálogo, com algumas questões inicialmente elaboradas, mas que se constituiu muito mais na interlocução, nas idas e vindas do texto, nas trocas de mensagens e nos debates que extrapolam essas páginas.

Nesse diálogo, as nossas vozes e concepções se encontrarão e entrecruzarão. Em alguns momentos, dada a natureza pessoal das experiências que compartilharemos, vamos mencionar nossos nomes para singularizar e especificar algumas palavras.

Logo, o texto tem por objetivo dialogar sobre a presença e a atuação da Professora Magda Soares em Lagoa Santa/MG, conhecendo um pouco mais do histórico e das ações do projeto Alfalettrar nesse município.

Optamos por referenciar no feminino quem se ocupa pelo magistério, sobretudo na alfabetização. Por isso, usaremos, com letras sempre maiúsculas, Professoras ou Alfabetizadoras, sem menosprezar que os homens fazem parte desse universo, entretanto reconhecemos que, em sua grande maioria, são as mulheres que fazem a alfabetização do nosso país.

¹ Secretaria Municipal de Lagoa Santa (MG).

² Universidade Federal de Juiz de Fora.

³ Universidade Federal de Lavras.

Nossos diálogos

Juliano: Professora Janair, possivelmente, se esse encontro tivesse acontecido presencialmente, teríamos providenciado um bom cafezinho e alguns pães de queijo, no estilo mineiro de ser. Esse seria nosso primeiro gesto para demonstrar o agradecimento pela gentileza e disponibilidade para essa prosa.

Ilsa: É verdade, Juliano, e com certeza, essa conversa não se encerra aqui, mas abre muitas brechas para continuarmos um diálogo sobre alfabetização e sobre a formação das Alfabetizadoras. Muito obrigada, desde já!

Juliano: Vamos iniciar nossa conversa dizendo um pouco sobre nós e de como conhecemos o projeto Alfalettrar, ou como o projeto começou a fazer parte de nossa atuação profissional. Janair, trabalhei como Professor, Coordenador Pedagógico e Diretor de escola nas redes municipal e estadual de educação, no sul do estado de Goiás. Hoje, estou na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), como Professor da área de alfabetização, na Faculdade de Educação. Por um tempo, também estive na Secretaria Municipal da Educação de Itumbiara, atuando no Departamento Pedagógico. O projeto Alfalettrar sempre foi uma inspiração para mim. De longe acompanhava as ações de vocês, publicadas em redes sociais, em sites e em revistas científicas. Também conhecia o projeto por informações e comentários da Professora Francisca Maciel, orientanda e amiga da Professora Magda Soares. Francisca sempre me dizia das novidades e da empolgação dela com as Alfabetizadoras. Num encontro que tivemos com Magda, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2020, na roda de conversa *online*, durante a pandemia da Covid-19, notei pelo seu olhar e sua fala sensível, o encanto pelas práticas desenvolvidas em Lagoa Santa. Foi perceptível como ela acreditava em ações de desenvolvimento profissional no cotidiano das redes de ensino e era enfática no direito pela alfabetização de todas as pessoas. Num dos e-mails que troquei com a Professora Magda, tratando sobre o Alfalettrar, ela mencionou o seu nome com muito afeto, dizendo da grande parceria entre vocês em todos os momentos da organização do projeto.

Ilsa: Janair, atuei como Professora Alfabetizadora durante quase 15 anos e, atualmente, atuo no Ensino Superior como Professora dos componentes curriculares da área de alfabetização no curso de graduação em Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Oriento pesquisas de mestrado, iniciação científica e trabalho final de graduação na área da alfabetização e da formação da

Professora Alfabetizadora. Coordeno o Núcleo 2 do Programa de Residência Pedagógica, direcionado às turmas de alfabetização. Enfim, essas ações me permitem ter contato com a prática educativa e colaborar para a formação inicial e continuada das Docentes, com estudos teóricos em que temos como centralidade os textos, as obras de Magda Soares, os vídeos e palestras sobre o trabalho com o projeto Alfaetrar, realizado em Lagoa Santa. Por isso, ter essa oportunidade de conversarmos sobre o projeto, de conhecer melhor o trabalho realizado, sem dúvida é, para nós, um momento de grande satisfação e aprendizado!

Janair: Hoje, em Lagoa Santa, coordeno o Núcleo de Alfabetização e Letramento. Antes era com Magda, depois do seu falecimento assumi a coordenação geral com as Professoras que atuam nas escolas. Junto ao Núcleo também coordeno a Educação Infantil na rede municipal, o que se tornou essencial, já que a proposta do projeto Alfaetrar é compreender a alfabetização enquanto um processo, que não se inicia somente no Ensino Fundamental, portanto a integração com a Educação Infantil é importante. Considero um ganho esse diálogo com a Educação Infantil. Magda ficou muito feliz quando a Secretária pediu que eu coordenasse a Educação Infantil, para fazer essa relação com os Anos Iniciais. Eu estou na rede há 18 anos; sou Professora há 23 anos. Também atuei em outra rede pública de ensino, trabalhava com o quarto e quinto ano e, aqui, na rede municipal de Lagoa Santa, com Educação Infantil, primeiro e segundo ano.

Quando eu comecei na rede, em 2005, fui atuar em uma escola e dois anos depois foi criado o Núcleo de Alfabetização e Letramento. Comecei trabalhando como Professora, aplicando a proposta do projeto Alfaetrar na minha turma. Nesse percurso, eu mudei para outra escola, era uma escola nova, e fui indicada para ser a Professora Representante do Núcleo da escola em que eu atuava. Essa Professora é uma referência do Núcleo na escola, uma ponte de diálogo com as Professoras, alguém disposto a estudar e ajudar os pares. Assim, fui indicada como Professora Representante na escola onde atuava e passei a integrar o Núcleo de Alfabetização e Letramento. Um ano depois, a Coordenadora na Secretaria de Educação saiu e me convidaram para assumir a função. Na verdade, foi a Magda que indicou o meu nome para Secretaria, o que me deixou muito lisonjeada.

Agora, em setembro de 2023, já se completam 10 anos na coordenação do Núcleo. Nesse tempo todo junto com Magda, que era a Coordenadora Geral do projeto na rede municipal. O meu trabalho é justamente o de coordenar as ações do Núcleo, que conta, atualmente, com 25 Professoras Representantes das escolas municipais. O Núcleo de Alfabetização e Letramento é

aquele que articula as metas do projeto, organiza os diagnósticos e faz os acompanhamentos, dentre outras ações.

Já sobre a minha formação, primeiro eu me formei em Contabilidade; fiquei um ano atrás de uma mesa calculando e falei: “Isso não é para mim, eu quero mexer com gente”. Voltei, fiz o magistério e, antes mesmo de me formar, já trabalhava como Professora Auxiliar. Depois eu fiz a Licenciatura em Normal Superior e Pós-graduação em Psicopedagogia e, como disse, atuo na área educacional há 23 anos.

Ilsa: Sobre a estrutura do projeto Alfalettrar podemos encontrar textos já publicados que relatam alguns de seus eixos. Um deles, gostaríamos de destacar, se trata do artigo “O Projeto Alfalettrar na Rede Municipal de Lagoa Santa – MG: elementos centrais”, de sua autoria com a Professora Eliana Pereira Araújo, na *Revista Práxis Educativa*⁴.

Juliano: Nesse texto, houve destaque para os resultados do projeto, a partir dos dados estatísticos da rede municipal de Lagoa Santa e, além disso, também foram apresentadas algumas de suas ações. Professora Janair, gostaríamos de conhecer mais a respeito do histórico do Alfalettrar. Como começou e como foi a atuação da Professora Magda Soares na implementação?

Janair: Quando o projeto Alfalettrar começou, em 2007, o município tinha baixos índices de alfabetização dos alunos. Magda tinha se aposentado na Universidade Federal de Minas Gerais e tinha o desejo de voltar para a escola e para rede pública. Ela achava que devia isso à sociedade. A então Secretária na época, Professora Maria Lisboa de Oliveira, colega de Magda da Faculdade de Educação, da UFMG, a chamou para fazer um trabalho com as Professoras. Inicialmente, acreditava-se que a questão estava do sexto ao nono ano, pois os estudantes tinham muitas dificuldades em leitura e escrita. Magda observou essa questão, mas percebeu que não poderia ser esse o foco. No início, ela começou com as cinco escolas que atendiam aos Anos Finais do Ensino Fundamental. A cada semana, ia para uma escola e se reunia com as Professoras para esclarecer suas dúvidas.

Nesse período, Maria Lisboa deixou a Secretaria e a Professora Nila Alves de Rezende assumiu como Secretária de Educação. Magda e a nova Secretária avaliaram que esse formato não estava funcionando e, em seguida, repensaram a atuação para que as ações comesçassem na base, de modo a diminuir o número de estudantes que chegassem até o sexto ano sem dominar as habilidades de leitura e escrita. Foi daí que veio a proposta dos Grupos de Estudos, que a

⁴ Ver: CASSIANO, Janair; ARAÚJO, Eliana Pereira. O Projeto Alfalettrar na Rede Municipal de Lagoa Santa – MG: elementos centrais. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 838-856, set./dez. 2018.

princípio não tinha esse nome de Núcleo de Alfabetização e Letramento. Definiu-se fazer esse Grupo a partir do terceiro, quarto e quinto anos, sendo uma Professora de cada escola. Aos poucos Magda foi percebendo que precisava encaixar o primeiro e o segundo ano e, por último, a Educação Infantil, porque as crianças do primeiro ano se saem ainda melhor quando há um trabalho integrado com a Educação Infantil.

Com três anos dessa proposta, decidiu-se formar um Núcleo de Alfabetização e Letramento. A partir de então, definiram-se quais eram as características para ser a Professora Representante de cada escola e quais seriam as suas atribuições dentro das escolas. A princípio, essa Representante atuava como Professora regente de turma e dividia sua função no Núcleo. Com um ano, observou-se que isso não era possível, que a demanda estava grande, então essa Representante saiu da regência e passou a atuar também na Biblioteca. Atendíamos a Biblioteca e as Professoras da escola. Mesmo assim, não dava; foi daí que, em 2011, foi institucionalizada a criação do Núcleo, através do Decreto n.º 2.104, de 26 de abril, e passamos a atuar não na regência de uma turma, mas atendendo os pares, indo para a sala de aula colaborar com as Professoras e orientando a formulação dos seus planejamentos, além das atividades relacionadas às ações da Biblioteca. Ademais, participamos toda segunda-feira de Seminários no Núcleo. Hoje, as Professoras Representantes do Núcleo atuam no acompanhamento das Professoras e das turmas da escola.

Juliano: Janair, mesmo com a Professora Representante do Núcleo, na escola ainda permanece aquele outro perfil de uma Coordenação Pedagógica?

Janair: Sim, um trabalho não substitui outro. Continuamos com as Pedagogas⁵ dentro das escolas, elas são responsáveis por outras disciplinas, também pela de Português, mas, nessa área, a visão geral e principal é da Professora do Núcleo, uma vez que ela faz a formação semanal conosco. Olha o planejamento e faz os acompanhamentos juntamente com as Pedagogas. O trabalho é articulado, pois, na falta da Professora do Núcleo, por algum motivo, é a Pedagoga que vai validar todo esse trabalho. No início, trabalhar para essa articulação deu um pouco de trabalho, porque tem a questão da hierarquia. Mas, com o tempo, as formações permanentes e os resultados, esse trabalho vai se consolidando e há um elo de muito respeito entre as partes. Muitas Pedagogas falam: “Ai de mim, se não fosse esse trabalho junto com a Professora do Núcleo”. Essa parceria é muito tranquila na rede, pois o trabalho do Núcleo foi incorporado ao fazer pedagógico das unidades escolares.

⁵ Em Lagoa Santa, na rede municipal, a/o ocupante do cargo de Coordenação Pedagógica e/ou Supervisão Pedagógica, como é comum ser intitulado em algumas redes públicas ou privadas no Brasil, é chamado de Pedagoga/o.

Ilsa: Você comentou a respeito dos Seminários realizados pelo Núcleo de Alfabetização e Letramento toda segunda-feira. Aproveitando esse aspecto, a respeito da presença de Magda Soares em Lagoa Santa, como ela realizava esses encontros de formação e o trabalho com as Professoras Alfabetizadoras?

Janair: Toda segunda-feira Magda vinha para Lagoa Santa. Ela morava em Belo Horizonte e, de sua casa até Lagoa Santa, são mais ou menos 40 minutos. Chegava cedo e nos reuníamos. Na sequência, iniciávamos o trabalho a partir das 14h30min e ficávamos, aproximadamente, até umas 19h. Nesses encontros tratávamos das demandas advindas da escola, refletíamos sobre as dificuldades trazidas pelas Professoras ou por determinadas escolas. Tudo isso era alvo de nossas reflexões e elemento para pensarmos as ações e o projeto na rede municipal.

A partir disso, Magda produzia os materiais para estudarmos ou nos indicava leituras. Os Seminários, na realidade, são Grupos de Estudos de temáticas que subsidiavam a prática pedagógica das Professoras. Magda fazia isso durante todo o mês; alguns temas se alongavam mais de uma semana e, uma vez por mês, a Professora Representante coordenava o que chamamos de “repasso” para o grupo de Professoras na escola onde atuava. Ou seja, a partir dos Seminários, é organizado pela Coordenação do Núcleo um consolidado do que foi discutido durante o mês e que será utilizado pelas Professoras Representantes na formação de seus pares na unidade em que atuam. As datas dessas formações já estão previstas, desde o início do ano, no calendário do Núcleo, que faz parte do calendário escolar da rede municipal. Além disso, nesse calendário, também mencionamos as datas dos diagnósticos, que são três durante o ano letivo, além das exposições, que ocorrem sempre no mês de setembro.

Juliano: Perfeito! É um trabalho em rede, de fato é o que precisa mesmo acontecer pelo Brasil!

Janair: Sobre essa questão, na verdade, a Magda sempre chamava atenção, compreendendo o trabalho do projeto como sendo “de rede”. Ela fazia uma diferença entre “de rede” e “em rede”, citando o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). No PNAIC havia uma opção em fazer adesão ou não, portanto, era “em rede”. Dessa forma, ocorria a formação e aquela Professora que desejasse participar poderia desenvolver as propostas. Já o desenvolvimento profissional proposto pelo projeto Alfaetrar, através das ações do Núcleo de Alfabetização e Letramento, é “de rede”, porque faz parte da proposta pedagógica da rede municipal e toda ela, desde a Educação Infantil até o 5º ano, participa das ações formativas.

Como mencionado, já temos no calendário o dia em que todas as Professoras param na sua escola e vão fazer o estudo do mesmo material, do mesmo tema e discutem coletivamente.

Juliano: Muito legal essa distinção “de rede” e “em rede”, faz todo sentido. Janair, e sobre esses encontros para os estudos nas escolas? Em geral são com todas as Professoras ou vocês fazem por segmento, por série? Como funciona geralmente?

Janair: Os encontros acontecem com todas as Professoras mesmo. Não há separação, uma vez que valorizamos essas trocas entre os vários segmentos. Entretanto, há uma ressalva nesse trabalho. Agora, em Lagoa Santa, temos um Núcleo de Matemática para as Professoras que lecionam Matemática. Temos uma especificidade, as turmas de quarto e quinto anos, trabalhamos por blocos; tem a Professora que leciona Português, Geografia e Artes; e a de Matemática, Ciências e História. Subdividem-se esses dois grupos: as que atuam com Português participam das formações do Núcleo de Alfabetização e Letramento, já as que atuam com Matemática fazem, quinzenalmente, um encontro com a Coordenadora do Calculário – Núcleo de Matemática – da Secretaria de Educação. Elas não têm que, necessariamente, assistir às formações do Núcleo de Alfabetização e Letramento, mas, se quiserem, sim. Nesses encontros participam todas as Professoras, as Professoras de Atendimento Educacional Especializado (inclusão), Diretoras, Vice-Diretoras e Pedagogas.

Juliano: Vou fazer uma questão que eu ia trazer bem mais à frente. Mas você comentou sobre as exposições do projeto, que são incorporadas ao calendário da rede municipal de Lagoa Santa. Poderia falar um pouco sobre elas, de onde é que surgiu essa ideia? Qual é o formato dessas exposições?

Janair: Magda sempre comentava que não queria que a prática da Professora se baseasse em livro didático, insistia que fôssemos autoras do nosso próprio material pedagógico para o trabalho com as crianças. No início do projeto, surgiu a ideia de expor os materiais que as Professoras faziam. Na verdade, não era expor, era compartilhar com a própria rede esse material, que era confeccionado para alfabetizar e letrar. Todo o material que elas produziam era baseado na literatura, porque Magda, como primeira medida que tomou na implantação do projeto, foi de que em todas as escolas da rede tivessem uma Biblioteca. Espaços vivos, que não fossem depósitos de livros. Nesse ponto, ela fez uma revolução: falou que só ficaria nessa ação educativa se houvesse essa mudança nas escolas e nas Bibliotecas. Então, hoje, nossas Bibliotecas são literárias com um acervo gigantesco! A rede compra muito livro, que antes eram analisados por Magda, por mim e pelas Professoras Representantes do Núcleo. Agora, sem Magda, continuamos analisando os livros da mesma forma. Há um cuidado na seleção desses

livros, lemos livro por livro, observamos o conteúdo, se a letra está adequada, se é adequado para uma determinada série etc. Por isso, as nossas Bibliotecas são realmente encantadoras!

Magda falava que o coração do projeto e da alfabetização era um texto, tudo parte de um texto, seja uma história contada, um livro... Suas orientações sempre caminhavam nessa direção. Por isso, era importante que as escolas tivessem bons acervos literários. Logo, pensando na literatura, ela partiu do pressuposto de que a gente tinha, realmente, que compartilhar com as Professoras da rede os trabalhos realizados. De início, tínhamos duas exposições no ano: no primeiro semestre letivo, ocorria o “Paralfaletrar”, uma exposição com jogos para alfabetizar e letrar. Nessa ocasião, as Professoras expõem os seus procedimentos metodológicos e materiais que elas confeccionavam com esse intuito de alfabetizar, letrar, trabalhar ortografia, produção de texto e os diversos componentes do ensino de Língua Portuguesa. Já no segundo semestre, fazíamos o “Alfalendo”, que se trata de uma exposição no final do ano, em setembro/outubro, com a produção literária dos alunos. Com o passar dos anos, as Professoras pediram que fossem alternadas, anualmente, as exposições, pois é um trabalho intenso para todas as Professoras. Então, passamos a fazer, nos anos pares, o “Paralfaletrar” e, nos ímpares, o “Alfalendo”. No ano passado, a gente teve o “Paralfaletrar”, nesse ano, 2023, teremos o “Alfalendo”. O evento, geralmente, ocorre de terça a sexta, e toda a rede municipal se mobiliza.

Ilsa: Excelente! Esse tempo de caminhada e experiência foi consolidando o projeto, vocês foram aperfeiçoando, aprimorando a cada ano. Acredito que vocês devem ter um amplo repertório de propostas para alfalettrar.

Janair: Na sua fala, você trouxe uma palavra, aperfeiçoando, que é o que Magda falava sempre. O projeto nasceu a partir das demandas da própria rede e foi se aperfeiçoando no diálogo com as Professoras. Escutamos as Professoras, construímos junto com elas; não é aquela coisa pronta e acabada. Construímos juntas o projeto Alfalettrar, o Núcleo, tanto que, após o falecimento de Magda, as Professoras da rede se preocuparam se o projeto iria acabar, e dissemos que não acabaria! Magda nos preparou para isso, para continuarmos quando ela não estivesse. Magda nos formou coletivamente e todas nós abraçamos essa causa. O projeto é de todas nós! O projeto é da rede, das Professoras, pois são elas que o colocam em prática dentro da sala. O Alfalettrar só acontece, realmente, se a Professora acreditar e colocar em prática essa proposta. Por isso, Magda insistia no aperfeiçoar, em sempre melhorar e construir coletivamente, nosso projeto foi construído aos poucos mesmo, e sempre está sendo aperfeiçoado colaborativamente.

Ilsa: É muito bonito isso, porque assim a Professora se sente parte do projeto, não é algo imposto, é construído junto. Tudo isso colabora para um sentimento de pertencimento, de corresponsabilidade, e contribui para o envolvimento e desenvolvimento profissional da Alfabetizadora.

Janair: Não é fácil colocar o projeto em prática, sobretudo porque a formação inicial das Professoras Alfabetizadoras tem muitas lacunas. Magda falava muito sobre isso. Há aspectos que você só aprende dentro de uma sala de aula e com as crianças. Surgem situações que, às vezes, a Professora precisa, naquela hora, tirar uma dúvida para conduzir o processo de ensino e aprendizagem, e parte daí, também, a ideia de termos uma Professora Representante do Núcleo em cada unidade escolar. Magda sempre afirmava: “Eu cheguei com uma ideia, com os meus livros, pensando que ia estudar a teoria com as Professoras”, daí veio o pessoal das escolas e dizia: “Isso aí que você está falando, comigo não dá certo, não! Não acontece dessa maneira dentro da sala, que tal pensarmos em outros modos?” A inquietude de Magda, sua disciplina com os estudos, fez com que repensássemos muita coisa e isso foi transformando os modos de alfabetizar em nossa rede. Claro que é um desafio constante, já que sempre temos muitas Professoras iniciantes. Por exemplo, eu falo com as Professoras que estão iniciando e que não têm essa prática com o nosso projeto que elas vão se apropriar aos poucos. A Representante do Núcleo irá acompanhar essa Professora, formá-la, ir para sala de aula e auxiliar no acompanhamento dos estudos.

Contemplamos na formação continuada situações que a gente não estuda dentro da Faculdade, mas a Professora precisa compreender para conduzir o processo de alfabetização. Magda repetia com frequência, e internalizamos isto: “Mais do que ensinar, eu preciso garantir que esse aluno aprenda”. E como ele vai aprender? Eu preciso saber os processos que o levam a aprender, então eu tenho que estudar, eu tenho que entender daquilo que eu faço. Ela sempre falava a frase, que eu repito com todo mundo: “Conhece o teu ofício e cumpre-o”. Acredito que foi o que ela fez na vida inteira, eu tenho que conseguir entender o meu ofício, saber como que essa criança aprende, para eu trabalhar com ela, fazer as intervenções necessárias. É isso que trabalhamos o tempo todo na formação das Professoras, entender daquilo que estamos fazendo.

Juliano: Acredito que o diagnóstico constitui parte desse processo. Afinal, por meio dele, a Alfabetizadora conhecerá melhor quem é o estudante e poderá planejar as atividades, conduzir esse processo de alfabetização com método, tal como a Professora Magda veio nos ensinando nos últimos anos. E sobre o diagnóstico, Janair, em Lagoa Santa, poderia nos contar um pouco do histórico dessa prática no Núcleo?

Janair: Um ano após o início do projeto, começamos a elaborar e aplicar diagnósticos. Esses foram sendo aperfeiçoados ao longo dos anos. Hoje são aplicados três vezes ao ano (março, julho e outubro). Os diagnósticos são diferentes para cada ano de escolaridade; compostos por uma questão de escrita e questões objetivas relacionadas às metas de aprendizagem. Os diagnósticos eram elaborados pelas Professoras Representantes do Núcleo com a orientação dada por Magda e por mim. Esse diagnóstico do Núcleo é um diagnóstico de rede, não tem objetivo de mensurar e avaliar as escolas e, menos ainda, o trabalho das Professoras. Queremos ver, realmente, aquilo que os alunos não desenvolveram. Para a elaboração e desenvolvimento desses diagnósticos, partimos das metas que são mensuráveis. Atualmente, já temos uma matriz de ensino com essas metas, que vai da Educação Infantil ao 5º ano. Os diagnósticos elaborados pelo Núcleo abrangem da Educação Infantil, com crianças de quatro anos, até o 5º ano. Para sua elaboração, o Núcleo se subdividiu em seis grupos: o grupo da Educação Infantil, o do primeiro ano e assim por diante. Subdividimos essas 25 Professoras, juntas elaboramos o diagnóstico e depois nos reunimos para analisar coletivamente.

Como eu mencionei, há três diagnósticos: um no início do ano, aplicado em março, feito a partir das metas do final do ano anterior. Por exemplo, no primeiro ano, o diagnóstico de março vai ser elaborado a partir das metas do final da Educação Infantil 2 (crianças de 5 anos), e assim sucessivamente. No final de junho, aplicamos o segundo diagnóstico, já com as metas do ano, para ver como caminharam e o que a Professora precisa ainda trabalhar. Já em outubro, acontece o terceiro diagnóstico. A partir desses diagnósticos, realizamos os acompanhamentos pedagógicos.

Juliano: Percebo que o guia para organização desse diagnóstico são as metas de aprendizagem que vocês construíram em Lagoa Santa e que estão, de certa forma, explicitadas no livro *Alfaletrar*⁶. Para ficar mais clara a questão do diagnóstico para os leitores e as leitoras, poderia nos dizer um pouco sobre o que são essas metas e como elas foram construídas na rede municipal?

Janair: Antes do projeto Alfaletrar, nós tínhamos a proposta curricular da rede, mas cada escola desenvolvia de uma maneira, cada Professora dentro daquela escola desenvolvida também a sua maneira. Às vezes, habilidades não eram trabalhadas, outras eram mais enfatizadas. Isso ficava muito a critério da escola e da Professora. A partir do momento em que

⁶ Ver: SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

o projeto foi criado, Magda defendeu a ideia de que em todas as escolas as crianças tivessem os mesmos direitos de aprendizagem e, por isso, elaborou as metas por ano de escolaridade.

A princípio, Magda fez uma primeira versão, que foi sendo debatida e revisada coletivamente no Núcleo. Por exemplo, ela organizou os eixos e suas respectivas metas e, na sequência, as escolas organizaram quais as que estavam mais indicadas para cada ano de escolaridade. As Professoras observavam se uma meta estava “puxada”, ou não, para aquela idade e série. Na sequência, isso era pauta de discussão nos nossos Seminários de segunda-feira. Foram muitos movimentos de idas e vindas para chegarmos a uma versão para toda a rede municipal. Essas metas, ao longo dos anos do projeto, foram se modificando, outras sendo acrescidas.

Concebemos essas metas de aprendizagem em progressão, ou seja, aprendizagens que vão se acumulando desde a Educação Infantil, até o final do Ensino Fundamental. Para ficar mais claro, fizemos quadros, em que as cores indicam qual a ênfase que a Professora dará com aquela meta, naquele ano, conforme o exemplo abaixo.

Figura 1: Quadro das metas em progressão

COMPONENTES	1º ANO	2º ANO	3º ANO
CONCEITUALIZAÇÃO DA ESCRITA / NÍVEL ORTOGRÁFICO	Progressão ao longo do 1º ano: • <i>Nível 1:</i> Escrever de forma silábico-alfabética. • <i>Nível 2:</i> Escrever de forma alfabética.	Escrever de forma alfabética, sem erros ortográficos relativos ao uso das vogais orais e nasais (Quadro 1') e das relações biunivocas (Quadro 2') e Quadro 3'.	Escrever de forma alfabética sem erros ortográficos relativos ao uso das vogais orais e nasais (Quadro 1'), das relações biunivocas (Quadro 2') e das regularidades contextuais (Quadros 3' e 4').
CONSCIÊNCIA FONÊMICA / ORTOGRAFIA	<ul style="list-style-type: none"> Identificar o número de sílabas de palavras oralmente e, em seguida, na escrita. Dividir palavras em sílabas – sílabas CV, situar as sílabas nas <i>casinhas</i>, no lugar adequado (<i>casinhas</i> CV), escrever palavras com as sílabas estudadas. Completar palavra com sílaba inicial ou medial, escolhendo entre sílabas já colocadas nas <i>casinhas</i>². Dividir em sílabas palavras em que a sílaba inicial é uma vogal oral - aberta ou fechada (Quadro 1): oralmente e, em seguida, na escrita; acrescentar <i>casinha</i> de vogais orais, e escrever palavras em que a primeira sílaba é uma vogal. Identificar a diferença entre palavras (monossílabas ou dissílabas) que se distinguem por um fonema/letra, oralmente e, em seguida, na escrita, reconhecendo a relação fonema-grafema: vogais – Quadro 1 e relações biunivocas - Quadro 2. Completar palavra com fonema inicial ou medial, escolhendo entre letras apresentadas: Quadro 1 – vogais orais e Quadro 2. 	<ul style="list-style-type: none"> Ler, em palavras, sílabas CV, situar as sílabas <i>casinhas</i> CV no lugar adequado, escrever corretamente palavras com essas sílabas. Dividir em sílabas, oralmente, palavras em que a sílaba inicial é uma vogal oral (aberta ou fechada) ou nasal (Quadro 1); acrescentar <i>casinha</i> de vogais nasais, escrever palavras em que a primeira sílaba é uma vogal, oral ou nasal. Identificar a regra de uso de M ou N na nasalização de vogais, e escrever corretamente palavras em que essa regra deve ser aplicada. Identificar a diferença entre palavras que se distinguem por um fonema/letra, oralmente e, em seguida, na escrita, reconhecendo a relação fonema-grafema – vogais orais e nasais: Quadro 1, e relações biunivocas: Quadro 2. Completar palavra com fonema/grafema, escolhendo entre letras/grafemas apresentados: vogais orais ou nasais - Quadro 1, e relações biunivocas - Quadro 2. Modificar palavras excluindo ou incluindo fonema/letra inicial – vogais orais ou nasais (Quadro 1) e relações biunivocas (Quadro 2). Pronunciar corretamente palavras com sílaba inicial VC: vogal + consoante S ou R; situar as sílabas em <i>casinhas</i> VC no lugar adequado, e escrever corretamente palavras com essas sílabas. Pronunciar corretamente, em palavras, sílabas CVC, CCV: consoante do Quadro 2 + consoante R ou L + vogal e situar as sílabas em <i>casinhas</i> de sílabas CCV, colocadas junto às <i>casinhas</i> de sílabas CV (a primeira consoante da sílaba CCV é a mesma da sílaba CV); escrever corretamente essas sílabas. 	<ul style="list-style-type: none"> Identificar a regra de uso de M ou N na nasalização de vogais, e escrever corretamente palavras em que essa regra deve ser aplicada. Identificar a diferença entre palavras que se distinguem por diferentes fonemas representados por uma mesma letra, segundo a posição, reconhecendo a relação fonema-grafema – regularidades contextuais: Quadro 3; ler e escrever corretamente palavras com essas sílabas. Identificar a grafia da terminação ou em formas verbais de passado; usar corretamente essa grafia na escrita. Identificar a diferença entre palavras que se distinguem por um mesmo fonema representado por diferentes letras/dígrafos, reconhecendo a relação fonema-grafema – regularidades contextuais: Quadros 4; ler e escrever corretamente palavras com essas sílabas. Identificar a grafia de /ãw/ como –ão e –am, nas formas verbais de passado e futuro; usar corretamente na escrita –ão e –am. Completar palavra com fonema/grafema, escolhendo entre letras/grafemas apresentados – regularidades contextuais: Quadro 4. Modificar palavras excluindo, incluindo ou substituindo fonema/letra – relações biunivocas e contextuais: Quadros 2, 3 e 4. Pronunciar corretamente, em palavras, sílabas CCV: consoante do Quadro 2 + consoante R ou L + vogal, e consoantes C e G do Quadro 4 + consoante R ou L + vogal) e situar as sílabas em <i>casinhas</i> CCV (em que a primeira consoante da sílaba CCV é a mesma da sílaba CV); escrever corretamente palavras com essas sílabas.

^{1, 2} ver anexo

Fonte: LAGOA SANTA. Secretaria Municipal de Educação. *Núcleo de Alfabetização e Letramento. Projeto Alfalettrar*. 4. ed. Lagoa Santa: Secretaria Municipal de Educação, 2015.

As Professoras, desde o início do ano, têm acesso tanto aos quadros de metas do ano de escolarização anterior quanto aos do atual. A partir disso, elas elaboram o planejamento,

visualizando quais metas os alunos deveriam ter alcançado no ano anterior e quais ela deve enfatizar naquele ano para que as crianças prossigam na aprendizagem. Em decorrência da suspensão das aulas durante a pandemia, elas têm muita clareza de que muitas metas não foram atingidas e, portanto, precisam voltar a àquelas em que os alunos estão com dificuldades. As metas também foram pensadas por Magda como algo bem conciso, “enxuto” mesmo, de maneira que a Professora, ao ler, sabe exatamente o que precisa fazer.

Esse é um aspecto em que as metas se diferenciam das habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Quando se pega a BNCC, há habilidades com mais de um elemento de trabalho. A Professora, ao guiar-se por essas habilidades no seu planejamento, pode priorizar um elemento em detrimento dos outros. Nas nossas metas, partimos do princípio de que elas estão claras em si. Por exemplo: “escrever o nome completo sem copiar de ficha”, é uma meta da Educação Infantil II, com crianças de 5 anos, que, ao final do ano escolar, elas deverão ter adquirido. A Professora que lê essa meta consegue saber exatamente o que precisa ensinar. Ou seja, ela sabe o que precisa garantir com os seus alunos, é isso que eles têm que aprender. Quando a BNCC chegou, já tínhamos a nossa proposta curricular, com essas metas bem definidas, sentamos e estudamos as metas da BNCC. Continuamos com as nossas metas e acrescentamos um ou outro aspecto da BNCC que, às vezes, não havia nas nossas ou estava de forma diferente.

Ilsa: Portanto, essas metas orientam as ações de diagnóstico em toda rede. Voltando a esse ponto, fiquei curiosa em saber como ocorre essa elaboração do diagnóstico no Núcleo?

Janair: De modo mais específico, o Núcleo elabora esse diagnóstico coletivamente: analisamos juntas todos os diagnósticos, discutimos sobre os textos usados – análise de textualidade – de acordo com o ano de escolaridade e elaboramos as questões relacionadas a eles. Terminada essa etapa, o diagnóstico está pronto para ir para as escolas. Nas escolas, as Professoras Representantes do Núcleo fazem a impressão de todos esses diagnósticos.

As atividades diagnósticas já estão previstas no calendário letivo, conforme falei, e por isso temos os períodos de aplicação. No geral, são duas semanas de aplicação em toda a rede. A Professora Representante organiza esse horário dentro da escola e conduz a aplicação junto com as Professoras Regentes. Na sequência, a Professora Regente faz a correção, preenche o gráfico com os acertos e erros das questões objetivas (Figura 2) e a tabela de análise do nível de conceitualização da escrita/ortografia da turma (Figura 3). Ao organizar esses gráficos, a Professora observa quais são as crianças que acertaram determinadas questões, assim como o percentual de erros daquela questão na turma. Pode ser que a turma toda esteja bem, mas eu

tenho um determinado aluno que esteja apresentando algumas dificuldades, então a Professora já tem um mapeamento da sua turma. Ao observar o gráfico é perceptível ver na vertical os componentes e/ou metas em que a turma apresentou dificuldades e, na horizontal, a criança que apresentou maior número de erros nas questões.

Figura 2: Gráfico, por turma, para o consolidado do diagnóstico (questões objetivas)

ALUNO		SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - LAGOA SANTA - DIAGNÓSTICO JUNHO 2023														DATA: ___/06/23					
		CONHECIMENTO DA ESCRITA E RECONHECIMENTO DO ALFABETO					LEITURA DE PALAVRAS					CONSCIÊNCIA GRAFOFONÊMICA				LEITURA COMPREENSÃO NARRATIVO				ESCRITA DE PALAVRAS	
		Q.3	Q.4	Q.5	Q.6	Q.7	Q.8	Q.9	Q.15	Q.20	Q.10	Q.11	Q.12	Q.13	Q.14	Q.16	Q.17	Q.18	Q.19	Q.1	Q.2
1																					
2																					
3																					
4																					
5																					
6																					
7																					
8																					
9																					
10																					
11																					
12																					
13																					
14																					
15																					
16																					
17																					
18																					
19																					
20																					
21																					
22																					
23																					
24																					
25																					
26																					
27																					
28																					
29																					
30																					
ACERTOS		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	30
		0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	100%

Fonte: LAGOA SANTA. Secretaria Municipal de Educação. Núcleo de Alfabetização e Letramento. Projeto Alfalettrar. 4. ed. Lagoa Santa: Secretaria Municipal de Educação, 2015.

Figura 3: Quadro de palavras – consolidado do nível de conceitualização da escrita/ortografia da turma

ALUNO		SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - LAGOA SANTA - DIAGNÓSTICO - JUNHO 2023 - 1º ANO					DATA: ___/06/2023	
		ESCOLA MUNICIPAL:		PROFESSORA DA TURMA:		REPRESENTANTE DO NÚCLEO:		
		PÁ	BONECA	FACA	VELA	SABONETE	DEDO	NÍVEL
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15								
16								
17								
18								
19								
20								
21								
22								
23								
24								
25								
26								
27								
28								
29								

Fonte: LAGOA SANTA. Secretaria Municipal de Educação. Núcleo de Alfabetização e Letramento. Projeto Alfalettrar. 4. ed. Lagoa Santa: Secretaria Municipal de Educação, 2015.

É importante ressaltar que, assim que terminam de aplicar o diagnóstico naquela turma, as Professoras do Núcleo se sentam com cada uma das Professoras regentes, junto com a Pedagoga, para discutir o resultado da classe e, a partir daí, planejar as intervenções necessárias. Os resultados são discutidos primeiro nas próprias escolas, para depois ser ponto de pauta nos Seminários de segunda-feira. As escolas já iniciam as intervenções, mudam o planejamento e observam o que é preciso fazer para cada estudante avançar na aprendizagem.

O próximo trabalho é organizar o gráfico de toda a rede, de maneira que conseguimos observar quais metas estão abaixo da média nas escolas, possibilitando organizar estratégias para uma atuação centrada no diagnóstico.

Os diagnósticos geram muitas ações e conduzem o planejamento nas escolas. A partir desse levantamento, conseguimos repensar as metas de um ano para o outro. Quando nos reunimos no Seminário para discutir o resultado de rede, discutimos desde a Educação Infantil ao quinto ano, debatendo quais foram as metas que apresentaram dificuldades, quais foram as possíveis causas de erro, pois pode ser que o erro seja nosso, enquanto pessoas que elaboraram o diagnóstico. Talvez a questão não tenha sido bem elaborada, apresentou ambiguidades, ou a formatação da questão não tenha sido ideal para a criança compreender o que estava sendo solicitado. Tudo isso conduz nossas reflexões para aperfeiçoarmos a elaboração dos diagnósticos e as intervenções que realizaremos com as Professoras, e elas, com os alunos.

É importante ressaltar que nesse processo de reflexão sobre os diagnósticos, os Diretores das escolas participam e conseguem visualizar o resultado da sua unidade escolar em relação a toda a rede. Eles precisam refletir: como é que a minha escola ficou dentro da rede? Para que, a partir disso, as Professoras possam também pensar: como a minha turma está dentro da minha escola, diante dos meus pares do primeiro ano, do segundo ano? O que eu posso fazer pela minha turma?

Além dos Seminários, nos momentos formativos na própria escola há um estudo do resultado de rede. Em dia previsto no calendário, a rede toda está discutindo o resultado do diagnóstico.

Enfim, todo esse processo leva muito tempo e a organização de um cronograma pontual de trabalho é primordial para que, de fato, as coisas aconteçam em toda a rede ou, como Magda dizia, um trabalho “de rede”.

Juliano: Realmente percebemos que é um trabalho de rede, na medida que há uma preocupação pela garantia de que em todas essas escolas, todos os estudantes terão o direito de

aprender, o direito de ler e escrever, isso é fantástico! Ainda sobre o diagnóstico, pensei em algumas questões: você comentou que entre as questões elaboradas há uma escrita? Geralmente são quantas questões? Uma é de produção textual ou não necessariamente? Como é o modelo?

Janair: As questões que compõem esse diagnóstico são construídas a partir de metas, compreendidas como mensuráveis, ou seja, aquelas em que conseguimos observar com a resolução de questões abertas e fechadas. O diagnóstico é realizado, como mencionei, a partir da seguinte lógica: o primeiro é relativo às metas do ano anterior, ou seja, como o estudante deveria finalizar aquela série, e os dois outros são feitos dentro das metas previstas para aquele ano. A primeira questão é de escrita, mas escrita de palavras, e analisamos até o segundo ano o nível de conceitualização da escrita; do terceiro ano em diante olhamos também os aspectos da aprendizagem da ortografia dos alunos. Não fazemos o diagnóstico de produção de texto, isso fica por conta das Professoras dentro das escolas, porque ainda estamos em estudo sobre produção de texto, qual seria a melhor forma de fazer esse diagnóstico.

Esse ponto, inclusive, era um tema de que Magda estava se ocupando. Infelizmente, ela partiu antes. Começamos os estudos e, em nossa última conversa em 17 de dezembro de 2022, por telefone, ela reforçou comigo sobre o livro que estava escrevendo acerca da produção de texto desde a Educação Infantil, a partir de livros literários. Paralelo a isso, ela estava produzindo o material para retornar com a produção de texto em 2023, com a rede de Lagoa Santa, e trabalhar com as Professoras. Em nossa conversa, disse: “Que ótimo, porque estávamos precisando mesmo retomar essa questão, esse tema” e que iria avisar às Professoras que em fevereiro já podíamos retomar com isso. Magda comentou que já tinha um material pronto.

Mas, voltando ao modelo do diagnóstico, no primeiro, aplicado em março, geralmente são menos questões, por exemplo, variando de 12 a 24 questões, a depender do ano de escolaridade. Varia também a quantidade de textos e de gêneros. Por exemplo, terceiro, quarto e quinto anos são três gêneros textuais. Priorizamos o narrativo, o informativo e um texto com uso linguagem verbal e não verbal (tirinha, cartaz etc.).

O diagnóstico é construído considerando muito as nossas particularidades da rede municipal e o ano de escolaridade das crianças. Priorizamos que esse diagnóstico seja bem-organizado e bem aplicado, de modo que não fique cansativo para a criança.

O momento de aplicação, inclusive, é primordial para nós. Nesse período, os alunos já nos dão pistas de algumas de suas dificuldades. É importante que a Professora que o aplica fique atenta a detalhes simples, que podem comprometer o resultado. Nesse ponto, temos um olhar muito criterioso.

Juliano: Esse trabalho realizado por vocês é uma grande inspiração para todas as redes de ensino do país. Vocês têm uma proposta curricular que nasceu da própria rede e foi se fortalecendo com os estudos e experiências. Esse diálogo só reitera o nosso grande compromisso com Magda, de dar continuidade a esse trabalho, do nosso dever na e com a escola pública de garantir que todas as crianças tenham o direito à leitura e à escrita.

Janair, tenho uma curiosidade muito particular para conversarmos agora. Trata-se do trabalho com as casinhas que vocês vão construindo com as crianças ao longo do ano, apresentando também os padrões silábicos canônicos e não canônicos. Antes mesmo da publicação do *Alfaletrar* (SOARES, 2020), nos vídeos e nos textos que lia sobre o projeto, ficava muito curioso sobre essa prática de vocês. Poderia nos dizer como ela funciona? Essa proposta ainda permanece em Lagoa Santa?

Janair: O trabalho com o que chamamos de casinhas continua, sim! Todo início do ano letivo fazemos muitas oficinas. Essa é uma prática de que gostamos e em que acreditamos muito aqui em Lagoa Santa. Para a Educação Infantil, esse ano, por exemplo, fizemos oficinas sobre consciência fonológica; para a alfabetização, uma oficina a respeito do trabalho com as casinhas; para as demais turmas, outras temáticas, como ortografia etc. Trabalhamos muito com oficina para formação dessas Professoras.

As casinhas são utilizadas em sala de aula o tempo todo e são introduzidas a partir do momento em que as crianças estão no nível silábico com valor sonoro. Portanto, podem ser introduzidas na Educação Infantil, caso as crianças já estejam nesse nível, ou no 1º ano. Há turmas de 2º ano que também retomam as casinhas, a depender de alguma defasagem que foi observada no diagnóstico inicial. Tudo depende do nível de conceitualização da escrita em que as crianças estão, esse é o eixo condutor para introduzir ou retomar as casinhas.

O trabalho com as casinhas é feito de maneira que pode levar a criança a refletir sobre a formação das sílabas canônicas e não canônicas. Geralmente, o passo a passo é o seguinte. Primeiro, os alunos constroem um condomínio, onde encontram as casinhas, e há a inauguração do condomínio. A Professora começa sempre contando uma história e, a partir daquela história, ela escolhe uma palavra que irá explorar. Essa palavra é escrita numa folha de papel, na sequência a Professora apresenta a palavra e corta as suas sílabas, com tesoura mesmo, para os alunos verem. Depois que faz isso, ela procura, junto com as crianças, em qual casinha essa sílaba vai morar. Cada casinha é de uma letra, geralmente as consoantes, e em cada andar dessa casinha moram as vogais, conforme demonstramos nas imagens a seguir:

Figuras 4 e 5: Fotografias das casinhas das sílabas



Fonte: Acervo do Núcleo de Alfabetização e Letramento, de Lagoa Santa/MG.

A partir dos textos trabalhados em sala de aula, a Professora vai elegendo algumas palavras para serem mais exploradas, colocando outras sílabas para “morar” em cada andar. Isso vai sendo construído aos poucos com as crianças.

A Professora está trabalhando um texto que tem, por exemplo, a palavra “POTE”, ela trabalha a casinha do “P” e do “T”. O trabalho na casinha também pode ser a partir do nome das crianças. Assim, refletindo com as crianças, a Professora vai colocando as sílabas na casinha ou retomando alguma já trabalhada. Com o tempo, os alunos vão perceber que em cada casinha vão se formar as diversas variedades de padrões silábicos para uma determinada letra inicial, o que comumente se chama de “família silábica”. Ao comparar uma casinha com a outra, na horizontal, eles perceberão que todas as letras são combinadas com as mesmas vogais. Tem uma linha horizontal em que todas as sílabas são formadas com o “A” e assim sucessivamente. A partir dali, também vão se organizando os grupos de palavras que se tornam estáveis, pois

abaixo de cada casinha colocamos todas as palavras que foram trabalhadas. Na medida em que surge uma determinada palavra que tem uma sílaba não canônica, ela também entra na casinha e é alvo de reflexão coletiva com a Professora e os estudantes.

Esse trabalho acontece em toda a rede. Temos observado que é uma maneira rápida e lúdica de avançar na reflexão sobre o sistema de escrita alfabética e suas convenções, já que as crianças, ao observarem o trabalho realizado pela Professora, conseguem compreender o funcionamento e vão montando novas sílabas e palavras sozinhas. Nossas experiências comprovam que é muito mais rápido o avanço do nível dos meninos quando você trabalha com as casinhas.

Juliano: É um trabalho superinteressante, pois vocês vão, de uma forma lúdica e criativa, refletindo sobre o sistema de escrita alfabética com as crianças e estabilizando algumas composições silábicas com elas. Tudo isso vai sendo construído coletivamente, diferente de pegar um silabário pronto e repetir sílabas.

Janair: É isso mesmo, Juliano. A gente não fica naquele “fa fe fi fo fu”, “ba be bi bo bu”, não. Vamos trabalhando todas as letras ao mesmo tempo, todas as sílabas ao mesmo tempo, a Educação infantil a partir do nome das crianças. Por exemplo, se eu tenho um Breno na sala, eu tenho nesse nome uma sílaba complexa, portanto, eu posso trabalhar isso com eles. Na sílaba “Bre” tem uma letra intrusa ali no meio, que é o “r”. Eu posso explicar isso para criança e apresentar outras palavras que tenham essa sílaba. Associado a esse trabalho, também temos jogos para introduzir ou consolidar algum conhecimento do sistema de escrita alfabética. Acreditamos muito no lúdico e na diversão como condutores do processo de alfabetização. As crianças podem e devem brincar com as palavras, isso ajuda a compreender as convenções.

Ilsa: É um trabalho da prática com a escrita, um trabalho com montagem e desmontagem das palavras, que é muito importante. Eu trabalho muito sobre isso com a formação inicial e continuada das Professoras, aqui na área de alfabetização, e nas orientações da disciplina de Estágio Supervisionado. Percebo muito o apego das Professoras com o silabário, elas não conseguem fazer um trabalho diferenciado. O problema, muitas vezes, que observo é o trabalho pedagógico com o silabário com crianças pré-silábicas. A criança não entende esse processo, ainda não é o momento, não que não seja importante trabalhar com a formação de sílabas, mas tem um momento próprio. E você trouxe isso muito bem na sua fala e também acredito que seja esse momento, no nível silábico com valor sonoro, em que, a partir da construção de escrita silábica da criança, temos um momento ideal para que se introduza a

questão das sílabas de diferentes formas, principalmente de forma lúdica como vocês vêm fazendo. Um excelente trabalho!

Janair: Pois então, Ilsa e Juliano. Sobre os jogos que mencionei, quero enfatizar que na Educação Infantil exploramos muito os jogos de consciência fonológica. Inicialmente, com as crianças pequenas desenvolvemos os jogos de escuta. Para tanto, temos nos apoiado em livros como *Consciência Fonológica em crianças pequenas* (Marilyn Adams; Barbara Foorman; Ingvar Lundberg e Terri Bleeler) e *Consciência Fonológica na Educação e no Ciclo de Alfabetização* (Artur Gomes de Morais). Esse último, Magda citava muito. Começamos desde as crianças bem pequenas, com jogos para trabalhar a escuta. Introduzimos outros tipos de jogos e brincadeiras de consciência fonológica e, também, sugerimos que as Professoras organizem atividades que sistematizem esses conhecimentos. Essa questão da escuta e reflexão sobre os sons é muito explorada, no intuito de que as crianças consigam distinguir qual letra devo utilizar para compor determinada sílaba. Temos insistido na prática das casinhas e dos jogos para que a criança compreenda o funcionamento do sistema de escrita alfabética e não apenas decore. Por isso, fazemos oficinas com as Professoras, para que entendam não apenas os níveis de conceitualização da escrita, mas quais estratégias para intervir em cada nível.

Juliano: Perfeito, Janair. Você comentou das casinhas, dos jogos, da literatura e outros textos como suportes para alfalettrar. Nesse sentido, há alguma orientação de atividades permanentes adotadas nas rotinas das classes de alfabetização em toda a rede? Ou não?

Janair: No próprio projeto temos uma tabela do itinerário pedagógico, em que indicamos o que tem que ser todo dia, o que é uma vez por semana e o que é até três vezes. Por exemplo, leitura literária na Educação Infantil faz parte da rotina todos os dias. Assim, também propomos que as Professoras, além de ler/contar as histórias, em alguns momentos as explorem oralmente com perguntas de compreensão do texto. Orientamos também a respeito dos jogos e atividades de consciência fonológica, quantos dias e em quanto tempo etc. De forma geral, buscamos nesse itinerário dar orientações para que em todas as salas de aula se garantam algumas rotinas. Claro que isso é muito flexível, e o trabalho que a Professora Representante do Núcleo faz é de acompanhar e sugerir alterações, em função da rotina da própria escola.

O tema da rotina, por exemplo, discutimos esse ano. Nós fizemos um estudo grande sobre rotina, preparamos o material, estudamos com as Professoras Representantes para que elas fizessem a formação nas escolas. Por meio de uma dinâmica, convidamos as Professoras regentes para refletirem sobre o que estão ou não fazendo do itinerário proposto, de modo a pensar estratégias para complementar o seu planejamento semanal. O tema da rotina foi alvo

esse ano e sempre o retomamos devido a sua importância para a alfabetização. Esse ano mesmo, desde a Direção da escola, retomamos o itinerário pedagógico e falamos sobre rotina novamente, na certeza de que todos precisam compreender esse e outros temas.

A partir desse debate, retomamos aspectos das orientações feitas em toda a rede. Como eu disse, e Magda sempre insistia, o Núcleo só se faz no aperfeiçoamento. E isso se deve muito a uma escuta às demandas das Professoras Representantes e das Professoras da sala de aula.

Ilsa: Janair, vamos tratar um pouco dos resultados? Você participa do projeto desde o início, antes mesmo da existência dessa sistemática do Núcleo. Quais os resultados vocês já tiveram?

Janair: Existe uma rede, antes e depois do projeto Alfalettrar. Com ele veio a preocupação de Magda de que tivéssemos uma direção, uma clareza conceitual do que estamos fazendo. Agora, temos convicções dos melhores caminhos que devemos percorrer para desenvolver um estudante leitor e produtor de textos. Fomos entendendo, com os estudos e as práticas, o que é necessário para que a criança aprenda a língua escrita, e é isso que orienta o nosso planejamento. Vi que a rede foi crescendo, as Professoras foram se desenvolvendo profissionalmente e, claro, isso se reflete na sala de aula, nos estudantes. É imensurável a mudança na prática, na postura, na responsabilidade com o aprendizado e no conhecimento adquirido por todos nós, profissionais da educação, na rede municipal. Posso dizer, sem dúvidas, que temos uma rede antes e depois de Magda Soares. Com seu falecimento, as Professoras se preocuparam com a possibilidade da descontinuidade do projeto e procuraram a Secretaria. Isso mostra o pertencimento ao projeto que se consolidou em toda a rede nesses 15 anos. De fato, Magda se perpetua nas Alfabetizadoras da nossa rede.

Juliano: Por fim, tenho uma pergunta para fecharmos ou abriremos esse e novos diálogos. Nossa conversa foi guiada pelo Alfalettrar, foi sobre Magda e sua contribuição em Lagoa Santa, mas também para o Brasil. E para você, Janair, qual o legado que ela deixa para você e para a rede de Lagoa Santa?

Janair: Quando eu estava cursando o Normal Superior, eu tive dois semestres de disciplinas sobre Alfabetização e Letramento, todo o trabalho foi baseado nos livros de Magda Soares. Eu lia e dizia: “É isso que eu penso, queria tanto conhecer Magda”. Achava que Magda Soares estava tão distante de mim! Vim para rede municipal de Lagoa Santa em 2005, Magda chegou em 2007. Quando me chamaram para fazer parte do Núcleo, nos primeiros Seminários eu só conseguia olhá-la e ouvi-la, ficava impressionada com tamanha sabedoria e humildade.

Magda não parecia ser aquela pessoa que já tinha escrito tantos livros, com tamanho conhecimento. Às vezes fazíamos umas perguntas bobas, eu pensava: “Será que eu pergunto, será que eu não pergunto, porque vai parecer bobeira para ela”, mas ela sempre, para qualquer pergunta e com muita simplicidade, nos respondia. Você mandava e-mail para ela, daí a pouco estava te respondendo. A convivência foi me mostrando como uma pessoa tão grande e reconhecida nacionalmente podia ser tão humilde ao mesmo tempo. Eu aprendi com Magda, principalmente, a humildade, esse amor e responsabilidade que ela tinha pela educação pública. Eu falo que tenho uma responsabilidade grande com educação pública, porque fui aluna de escola pública minha vida inteira. Magda não, ela estudou em escola particular, foi para escola pública e adquiriu essa responsabilidade. Sua vida, seus estudos e obra foram pela educação e pela alfabetização.

Vejo que o legado maior de Magda, para mim, é a resiliência, ela ensinou a gente a ser resiliente, ela me ensinou a ser resiliente. Magda nos ensinou sempre a olhar para frente, adaptar aquilo que a gente tem, continuar trabalhando, manter o foco. Na primeira *live* que Magda fez durante a pandemia, ela me ligou e disse: “Janair, minha filha, você viu aquele tanto de gente que estava me assistindo, eu nem acreditei”. Eu logo respondi: “Magda, mas você não tem noção do quanto o povo te ama e do quanto o povo precisa te ouvir”. Menciono isso, para vocês verem o quanto ela era humilde. Nessa ligação, lembro-me de comentar com ela: “Magda, as pessoas precisam te escutar nos quatro cantos do país”.

Então, tem também a Janair antes e depois de Magda. Eu até falo de Magda no passado, mas eu ainda estou com uma dificuldade muito grande de escrever e falar de Magda no passado, pois, para mim, para nós em Lagoa Santa, é muito difícil! Acima de uma autora e intelectual, ficou a amizade desses anos de convivência.

Nossas considerações finais

Ilsa: Participar dessa conversa foi um momento de grande aprendizado para mim, confesso que conhecer de forma mais detalhada o projeto Alfalettrar me fez admirar ainda mais Magda Soares. Agradeço tanto pela oportunidade de conhecê-la, Janair, uma profissional dedicada e comprometida com a alfabetização, como também por compartilhar o projeto e as ações desenvolvidas por toda a equipe em Lagoa Santa; por compartilhar conosco suas experiências, sobretudo suas vivências com Magda Soares, as quais, sem dúvida, contribuirão

para discussões e reflexões, posteriores, sobre o contexto das práticas alfabetizadoras e de letramento.

Suas palavras refletem o entusiasmo, o respeito e a admiração pela pessoa e profissional que Magda Soares foi e tudo que ela representou para o campo da alfabetização. Magda Soares deixou um legado de estudos, pesquisas e projetos direcionados à alfabetização no Brasil, em especial, na rede municipal de Lagoa Santa, o que demonstrou uma preocupação contante, uma vida dedicada a garantir que as crianças fossem alfabetizadas e letradas, a qualificar, a valorizar a formação das Professoras Alfabetizadoras. Por tudo, manifesto meu reconhecimento e apreço pelo trabalho realizado, minha gratidão por este momento!

Janair: Aprendi com Magda que podemos ter todos os diplomas, mas eles não vão fazer diferença na sua vida, na vida do outro, se não colocar em prática aquilo que você estudou. A gente precisa fazer a diferença realmente com as nossas crianças da escola pública, aquelas que demandam mais de nós, elas é que podem fazer a diferença na nossa nação. Isso aprendemos com a Magda.

Aprendi com a Magda a nunca parar, sempre continuar e continuar, igual ela fez até o último momento. Ela estava e permanecerá conosco em defesa da escola pública e de uma alfabetização para todas as pessoas.

Juliano: Acredito que nosso diálogo, para além de falarmos de uma grande mulher, pesquisadora, intelectual brasileira engajada com as questões do seu tempo, tratou também de um grande legado que Magda Soares nos deixou, não apenas para rede municipal de Lagoa Santa, como também para o Brasil: o alfalettrar.

Considero que o verbo alfalettrar traz concepções importantes para pensarmos não apenas o processo de alfabetização e letramento das crianças, como também de um trabalho de desenvolvimento profissional “de rede” com as Professoras Alfabetizadoras e de outros anos escolares.

Magda nos ensina a perseverar e não fugir do nosso ofício. Assumirmos, verdadeiramente, princípios democráticos para fazer a educação pública brasileira, com ações que irão garantir que o alfalettrar seja uma ação que desencadeie processos para o ensino do sistema de escrita alfabética, em contextos de usos e funções sociais das linguagens, principiando na Educação Infantil e, de forma continuada, se concretizando nos Anos Iniciais. Esse diálogo atesta, para mim, que a terminologia “alfalettrar” não foi apenas uma invenção, para gerar modismo ou confusões. Pelo contrário, Magda, de forma magistral, impõe ao campo da pesquisa e das práticas de alfabetização novos consensos: todos nós devemos defender e

trabalhar para que todas as crianças, sem distinção, possam aprender a ler e a produzir textos com fluência.

“Conhece o teu ofício e cumpre-o”. Sigamos conhecendo, reconhecendo nossos ofícios, cumprindo-os juntos e juntas, apaziguando dissensos, buscando renovar forças coletivamente, sempre com o pé, ou melhor dizendo, de corpo inteiro na escola e na sala de aula, de mãos dadas com as Alfabetizadoras e com as crianças.

Sobre as autoras e o autor

Janair Cândida Cassiano: Coordenadora do Núcleo de Alfabetização e Letramento, na Secretaria Municipal da Educação de Lagoa Santa (MG).

E-mail: janaircassiano@gmail.com

Juliano Guerra Rocha: Professor Adjunto da área de alfabetização da Faculdade de Educação, na Universidade Federal de Juiz de Fora.

E-mail: professorjulianoguerra@gmail.com

Ilsa do Carmo Vieira Goulart: Professora Adjunta do Departamento de Educação, na Universidade Federal de Lavras.

E-mail: ilsa.goulart@ufla.br